

# AULA 1

## INTRODUÇÃO

Prezado estudante,

Seja bem-vindo ao nosso curso de Introdução à Astrologia. O presente curso tem por objetivo familiarizar o estudante com os primeiros elementos fundamentais para a compreensão da linguagem astrológica. Considere que você está no processo de aprendizado de um novo idioma e será capaz de ler textos em um Mapa - no caso, os Mapas Astrais.

Inicialmente, apresentarei algumas considerações filosóficas e definições da Astrologia, destacando os limites desse saber. O que podemos e o que não podemos fazer por meio da Astrologia? Ela é uma ciência? Quais seriam as críticas mais recorrentes sobre o assunto e quais são os equívocos cometidos até por quem trabalha com o tema?

Em seguida, partiremos para o estudo de elementos técnicos: como se estrutura um Mapa Astral? O que devemos considerar e o que significa cada coisa? Você será apresentado aos conceitos fundamentais da Astrologia: planetas, Casas, elementos, ritmos, signos e aspectos. Por fim, abordarei algumas regras iniciais de interpretação e discorrerei sobre questões éticas da prática astrológica.

Meu objetivo é que você termine esse curso introdutório familiarizado com o beabá essencial da Astrologia, a fim de que, em cursos vindouros de aperfeiçoamento, você se torne cada vez mais competente no assunto.

**Um abraço e boa viagem de aprendizado!**



## **HISTÓRIA DA ASTROLOGIA.**

Como e onde surgiu? Quais são as suas correntes?

A respeito da história da Astrologia, convém saber que a expressão “Astrologia” é utilizada para definir diferentes tipos de conhecimento tradicional. Estes conhecimentos estão presentes em várias culturas ao redor do mundo há milhares de anos, e não são necessariamente a mesma coisa, apesar de se pautarem no mesmo fundamento: haveria uma relação simbólica entre a existência terrestre e as configurações celestiais. Em nosso curso de Introdução à Astrologia, trataremos do conhecimento ocidental, herança de um somatório de saberes que se originaram na antiga Mesopotâmia. Outras correntes astrológicas, como a védica, a chinesa, a maia, a asteca etc., não são objetos de estudo deste curso.

## DEFINIÇÃO DA ASTROLOGIA.

Afinal, Astrologia é uma ciência? Como defini-la? Como confiar em sua eficiência? Quais pesquisas foram feitas em torno do assunto?

A respeito de definições e da separação entre a Astrologia e a Astronomia, convém ter em mente que estes dois termos significavam a mesma coisa até se separarem gradualmente entre os séculos XVI e XVIII. A Astronomia, expressão que significa literalmente “lei dos astros”, atualmente é a ciência que estuda os fenômenos físicos dos corpos celestes. A Astrologia (“estudo dos astros”) pode ser definida como um conhecimento tradicional que interpreta a simbologia das diferentes configurações celestiais.

A Astronomia é uma ciência no sentido contemporâneo dado a este termo, e segue o rigor do método científico. A Astrologia é uma ciência no sentido antigo dado a este termo, mas é correntemente melhor definida como um conhecimento tradicional da humanidade que estabelece relações simbólicas entre os movimentos celestiais e a vida terrestre. Voltaremos a estes dois pontos mais adiante, quando falarmos sobre o método científico. Caso você tenha interesse em aprofundar o entendimento da estrutura epistemológica (em termos simples: “estrutura do conhecimento”) da Astrologia, é recomendável que leia o livro “As Palavras e As Coisas (Martins Editora), do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Este livro não é fundamental para um curso introdutório de Astrologia, mas é precioso para quem desejar aprofundar a questão histórica e entender o modelo de pensamento vigente na época em que a Astrologia foi elaborada como um corpo de conhecimento.

Ainda mais antigamente, por volta dos primeiros séculos da Era Cristã, a Astrologia era conhecida como “matéria” (do latim: matheseos), pois seu conhecimento era considerado tema de fundamental importância para o entendimento da vida. Caso você tenha interesse em conhecer uma das obras mais antigas de Astrologia, busque o livro Matheseos Libri VIII, escrito pelo senador Julius Firmicus Maternus.

## O QUE A ASTROLOGIA NÃO É.

Diferença entre Mapa e território. Informações erradas que se propagam, críticas sem sentido e erros comuns de abordagem até pelos defensores desse estudo

Para falar de Astrologia, nós temos também que falar de limites – o que a Astrologia pode e o que a Astrologia não pode fazer. Quando estudamos esse assunto, estudamos Mapas Astrais, e Mapa não é território. Por exemplo: digamos que eu pegue a carta geográfica da cidade do Rio de Janeiro. O que eu posso ver nela? Eu posso olhar para ela e, nunca tendo ido a essa cidade, dizer que ela é litorânea, possui morros, ou seja, não é uma cidade plana. Por outro lado, eu não sei se a praia é poluída ou limpa, não sei qual é a praia suja, qual é a praia limpa... Assim como não posso saber se a cidade é suja ou se é bem cuidada. Só é possível saber esses detalhes indo ao Rio de Janeiro.

Dessa forma, podemos perceber que há a condição natural e a condição contingente, temporária. A natural se caracteriza pelo fato de a cidade ser litorânea e ter morros, enquanto que a contingente é definida pela possibilidade de a cidade estar suja ou limpa, bem cuidada etc. O mesmo ocorre com o Mapa Astral – eu não posso dizer se uma pessoa é boa ou ruim apenas analisando o Mapa Astral dela. Um exemplo é a Irmã Dulce, uma grande freira samaritana de Salvador, Bahia, cujo Mapa não indica necessariamente a pessoa boa que ela era; indica características que podem ser virtudes ou defeitos. Em resumo: não conhecemos alguém apenas olhando seu Mapa Astral. Conhecemos suas potencialidades. A forma como a pessoa faz valer essas potencialidades depende da educação recebida e do ambiente.

Um erro básico que muitos estudantes de Astrologia cometem é dizer que não gostam de um determinado signo ou de certa posição planetária. Quando, por exemplo, alguém diz que não gosta do ascendente em Touro, muito provavelmente essa pessoa não gosta de alguém que possui esse ascendente, e daí constrói um preconceito. Talvez até por alguma razão do Mapa dela, ela não se dê bem com ascendente em Touro. O importante é compreender que nenhuma característica astrológica tem, por si, algo que seja melhor ou pior do que qualquer outro ascendente. Portanto, não existe Mapa bom ou ruim; existem Mapas com traços positivos e negativos.

É de extrema importância que a Astrologia não seja usada como base para preconceito. Se, por algum motivo, não gostamos de um determinado signo ou de uma pessoa daquele signo, isso talvez explique mais a respeito de nós do que a respeito daquela pessoa, afinal, muitas vezes, quando não gostamos de algo, na realidade estamos falando da nossa dificuldade em lidar com aquilo.

Outro erro de abordagem muito comum entre astrólogos é o uso equivocado de jargões científicos para sustentar a validade do conhecimento que eles detêm, como o de que a Astrologia é provada pela física quântica ou o de que a estatística prova a Astrologia, por exemplo.

Sobre a física quântica: trata-se de um ramo da física que estuda o comportamento

de partículas atômicas e subatômicas. Observa-se que, em dimensões subatômicas, a física clássica não funciona e uma série de fenômenos muito curiosos passa a ser observada, demonstrando que partículas separadas continuam a se afetar mutuamente. Alguns astrólogos fazem analogia entre o comportamento dessas partículas com o fenômeno astrológico, mas é uma analogia falha a partir do momento em que planetas não são partículas subatômicas. Em dimensões usuais, a física quântica não opera.

A respeito da estatística, alguns estudos demonstram correlações interessantes, muito embora esses estudos não tenham ainda sido reproduzidos eficientemente com o rigor que estudos estatísticos exigem. Ainda assim, quando falamos de “validação científica”, estatísticas não são elementos suficientes para que algo seja considerado “ciência” no sentido contemporâneo do termo.

No que diz respeito aos céticos, o argumento de que “as constelações mudaram, então os signos mudaram” também é falho – o estudo que usa as constelações é a Astrologia védica, e não a ocidental. Além disso, os próprios astrônomos sabem que constelações são uma coisa e os signos do zodíaco são outra, embora os nomes de ambos sejam os mesmos. A Astrologia ocidental, além disso, é uma Astrologia trópica. Trata-se de uma eclíptica virtual em torno da Terra, dividida em 12 faixas iguais, que são os signos. Não faria sentido também se os signos fossem as constelações por conta da diferença de tamanho, como a constelação de Escorpião, que é muito maior do que o signo de Escorpião.

E mais uma questão diz respeito à dita “influência planetária”. Essa ideia provém de construções linguísticas que, por sua vez, derivam do século XVIII/XIX para cá. Não há “energias astrológicas” nos afetando na Terra, mas uma relação simbólica entre a vida humana e as posições planetárias. Essa relação simbólica, que faz parte do modo de pensar antigo, é muito bem explicada por Foucault no já indicado livro “As Palavras e As Coisas”.

E, por fim, é crucial que a Astrologia não seja resumida a signo solar, pois Astrologia de signo solar não é Astrologia. O horóscopo publicado em jornais, por exemplo, não chega nem a ser horóscopo, pois “horóscopo” significa “espelho da hora”, que, por sua vez, é baseado no ascendente. Esse tipo de horóscopo é apenas um vestígio da Astrologia e é superficial, embora agrade muitas pessoas e possa até instigar o interesse pelo assunto.

## O QUE É UM MAPA ASTRAL DE NASCIMENTO?

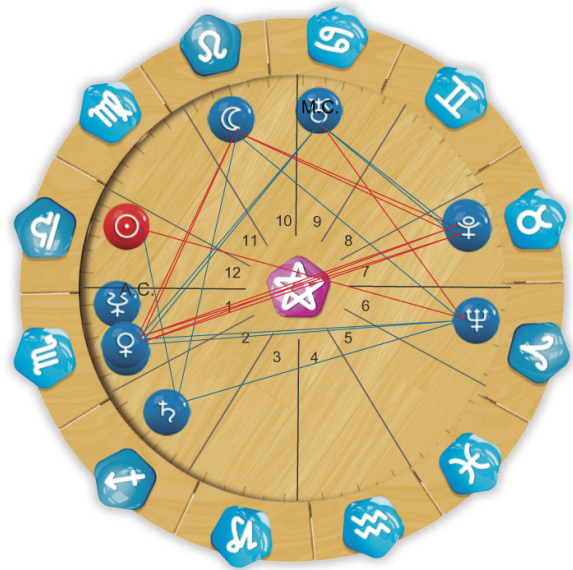
### Como é a sua estrutura?

O objeto de estudo da Astrologia é o Mapa Astral. Um Mapa Astral é confeccionado de acordo com a data, mês, ano, hora e local de nascimento. Mapas Astrais não são heliocêntricos (o Sol como centro) nem geocêntricos (a Terra como centro), mas antropocêntricos: o centro do Mapa é a pessoa que nasceu. Por isso, a importância da cidade, cuja latitude e longitude permitirá o cálculo do Mapa. Na prática, qualquer coisa pode ter um Mapa Astral. Além de pessoas, cidades têm Mapas que se baseiam em suas fundações. Empresas têm Mapas. Qualquer coisa que nasça tem um Mapa Astral.

O Mapa Astral de nascimento leva em conta quatro peças fundamentais:

- Os planetas** (em número de dez);
- Os signos** (em número de doze);
- As Casas** (em número de doze);
- Os aspectos** (neste curso, estudaremos os cinco principais).

A imagem ao lado mostra o exemplo de um Mapa Astral. Os símbolos internos são os planetas. As linhas que conectam os planetas são os aspectos. O círculo em torno dos planetas representam os signos e as Casas.



Os corpos celestiais estudados pela Astrologia ocidental são o Sol, a Lua e os planetas de nosso sistema solar. O Sol e a Lua também são chamados de “planetas” pela Astrologia, mas esta expressão tem um sentido totalmente diferente pela Astronomia. “Planeta” significa literalmente “pequeno plano”, e o significado astrológico é de “corpo que se move” (em contraposição às estrelas fixas, que na verdade não são fixas, mas se movem lentamente). Para a Astronomia, “planeta” é o termo dado a corpos celestes com características muito específicas. Na prática, temos uma mesma expressão sendo utilizada com significados distintos por diferentes saberes. O fato de a Astronomia não considerar como “planetas” os mesmos corpos que a Astrologia considera, não importa. A mesma palavra tem sentidos diferentes para cada um dos saberes. Evidentemente, um astrólogo sabe que o Sol não é um planeta no sentido astronômico do termo.

Deste modo, estes são os símbolos que representam os planetas na Astrologia. Cada planeta representa uma função psíquica. Voltaremos a este assunto mais profundamente nas aulas seguintes:



**Sol:** Centro da consciência



**Lua:** Expressão



**Mercúrio:** Processos de pensamento e comunicação



**Vênus:** Afetividade, gostos



**Marte:** Processos de luta, agressividade



**Júpiter:** Expansão, oportunidades



**Saturno:** Contração, restrição



**Urano:** Revoluções



**Netuno:** Transcendência



**Plutão:** Transformações, ressignificações

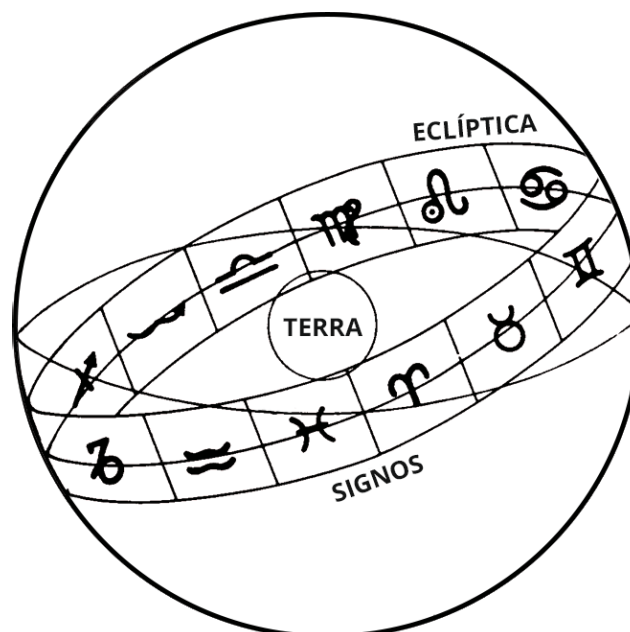


Alguns astrólogos se valem de outros elementos, como asteroides e planetas recém-descobertos por astrônomos. Neste curso, estudaremos apenas os pontos que são considerados indubitáveis no conhecimento astrológico. A maioria das novas descobertas ainda não é consensual para a Astrologia.

As estrelas também são estudadas pela Astrologia ocidental, mas apenas como material adicional disponível em cursos mais avançados. Na prática, a única estrela que realmente importa para a Astrologia ocidental é o nosso Sol. As constelações (desenhos feitos em diferentes culturas, ligando estrelas) não são relevantes para a Astrologia ocidental, e sim apenas para a Astrologia védica (hindu).

É importante que você entenda que os signos astrológicos não são a mesma coisa que as constelações e não devem ser confundidos! O que acontece é o seguinte: algumas constelações foram homenageadas com os nomes de signos zodiacais, e o tamanho dessas constelações é altamente desigual. As constelações formam o zodíaco sidéreo, importante para a Astrologia védica. Mas a Astrologia ocidental se vale do zodíaco trópico, que é produzido como uma projeção virtual a qual chamamos de eclíptica zodiacal: um círculo dividido em doze faixas idênticas.

Veja abaixo uma ilustração da **eclíptica zodiacal**:



Deste modo, não importa que as constelações tenham se movido ao longo dos últimos dois mil anos. Para a Astrologia ocidental, que é o que nós estudamos, os signos não mudaram e nem podem mudar, pois são projetados a partir da Terra. Na prática, os signos estão na Terra, e não no céu.

Veja a seguir uma tabela com os **símbolos dos signos zodiacais** para sua referência:



ÁRIES



TOURO



GÊMEOS



CÂNCER



LEÃO



VIRGEM



LIBRA



ESCORPIÃO



SAGITÁRIO



CAPRICÓRNIO



AQUÁRIO



PEIXES

Não se preocupe em decorar os símbolos por ora. Com tempo e prática, você os decorará naturalmente. **Até a próxima aula!**